

O ICVC E SEU PROJETO INTELECTUAL PARA JUAZEIRO DO NORTE (1974-1984)

ASSIS DANIEL GOMES¹

Mestrando em História Social (UFC). Bolsista da FUNCAP. E-mail: historiaassis47@yahoo.com

O Instituto Cultural do Vale Cariense (ICVC) foi criado em Juazeiro do Norte² no ano de 1974. A elite letrada da terra do Padre Cícero fora motivada para a constituição desse projeto de formação desse órgão civil na cidade e, concomitantemente, a criação de um *boletim* que divulgasse os ideais e ideias dessa entidade. Nessa época, esse espaço urbano estava vivenciando um crescimento econômico e demográfico considerado em relação às outras cidades da região do Cariri.

¹ Esse trabalho foi fruto da disciplina *Cultura e Sociedade* do programa de pós-graduação em História da UFC.

² Segundo Della Cava (1976), no ano de 1889 “fatos extraordinários” despertavam a curiosidade de alguns sertanejos nordestinos para a povoação de “Joaseiro” localizada no sul do Ceará. Eles buscavam saciar seus desejos de fé, e isso os proporcionavam uma tomada efetiva e afetiva do lugar dito como a “Nova Jerusalém”, lugar onde o suposto “precioso Sangue de Cristo” foi derramado. Devido a esses “fatos” aquele espaço se tornou a cidade, que nas décadas posteriores a morte de Padre Cícero Romão se apresentava como aquela que mais cresceu no fator populacional e econômico no estado do Ceará. Devido aos “supostos Milagres” que ali diziam se manifestar, Juazeiro passou a ser conhecido em todo o Nordeste, atraindo para seu território peregrinos que buscavam terra para plantar e um lugar “seguro” para morar. Iniciava-se a partir de então, um fluxo migratório pautado pela influência sócio religiosa que o sacerdote do lugarejo passava a construir com os peregrinos que lhe pediam apoio. Isso foi possível também devido à realidade social em que, segundo Della Cava (1976), sofria o “Nordeste”. Graças a esses fatores o povoado em 1909 procurou lutar pela sua emancipação política. Em prol dela tinha como grupo organizado a classe política, letrada e a elite financeira do povoado que buscou formular meios e ações que tinham como finalidade conquistar a “liberdade administrativa” do lugar. Nesse intuito criaram o Jornal “O Rebate” que se tornou um veículo de lutas discursivas e de poder entre os idealizadores/juazeirenses e os intelectuais cratenses, que defendiam a manutenção do controle do município do Crato na vida socio-política do vilarejo. No entanto, apesar desse não querer dos cratenses, em 1911 “Joaseiro” conseguiu se elevar à categoria de município.

Além disso, esse município, diferentemente dos demais dessa região, tinha uma zona rural menor que a urbana, ou seja, as atividades artesanais e comerciais predominavam nele como renda principal. O ICVC veio reivindicar para os juazeirenses uma maior preocupação com a capacitação dos trabalhadores e ações a fim de construir uma elite intelectual para a cidade e Cariri. Os seus olhares, portanto, projetavam-se para o porvir desse espaço urbano, como também galgavam empreender a edificação e consolidação de um *campo* e de uma escola de intelectuais, que, por sua vez, deveriam ter uma influência ímpar na constituição da história da cidade e do Cariri.

Para isso, os integrantes dessa entidade buscaram se inspirar e foram auxiliados pelo instituto considerado aquele de maior tradição e consolidação na região do Cariri, a saber, o Instituto Cultural do Cariri (ICC)³. Essa tradição intelectual do ICC, consolidada enquanto campo autônomo em relação às outras entidades do Ceará fora utilizado como exemplo para os institutos que nasceram na região depois dele. Como, então, o ICVC vai construir seu campo em Juazeiro e na região, durante os primeiros dez anos de existência?

Utilizaremos aqui a definição de elite letrada. Entendemos, de acordo com as particularidades do ICVC, que a elite letrada

³ O ICC é uma entidade civil criada na cidade do Crato em 1953. Ela tinha como principal meta a valorização do Cariri, ou seja, buscou realizar ações que pudessem dar visibilidade aquilo, considerado por eles, genuinamente caririenses e pertencentes a sua identidade. Nesse intuito fundaram a Revista Itaytera em 1955. Nela construíram matérias sobre a natureza, a história e o folclore da região. Em seu estatuto procuraram abranger os letrados caririenses, mas efetivamente seu quadro efetivo se compunha em sua maioria pelos cratenses, que colocavam sua cidade como modelo para toda a região. Dessa forma, reinventaram o Cariri a partir do Crato e ligando-o aos princípios morais da Igreja Católica. Levando em consideração que um dos seus fundadores dessa entidade era Padre Antonio Gomes, sacerdote da diocese do Crato, que tinha influência como um dos principais pesquisadores sobre a história da região, tinha seu lugar de destaque não apenas enquanto divulgador de suas pesquisas nos periódicos da região, mas representante de uma elite que procura marcar seu nome e da região em revistas estaduais, nacionais e internacionais, por exemplo, a revista do Instituto do Ceará.

de Juazeiro do Norte eram, especialmente, as pessoas que participaram dessa identidade, não possuidoras necessariamente de um diploma universitário, apesar de ter alguns que o tinha. Mas, sobretudo, eram aqueles detentores de um *capital simbólico* em comum: o saber ler e escrever. Sem mencionar as suas relações tênues com as famílias políticas da região, os comerciantes, as indústrias e o poder público da sua referida cidade de origem, a Igreja Católica e suas instituições de ensino. Para Sirinelle (1998), ao pensar as modificações do conceito de elites culturais a partir da aproximação da história política com a história cultural, elas “se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínseca, como também pela própria imagem, que o espelho social reflete” (1998, p.262).

Vinculamos ao já mencionado a ideia de *campo* pensada por Bourdieu. A elite não é em si, mas ela se constitui enquanto relação, como também a afirmação do campo se dá pelos outros campos. Para Bourdieu (2009), isso se dá quando colocamo-la em uma *estrutura de relações objetivas* entre os consumidores dessa produção cultural e seus produtores, isso seria fundamental também para corroborar a sua autonomia e influência para os demais. Esse *capital simbólico* não se legitima apenas com a aceitação dos pares do grupo, sua força interna, mas as ações e projetos que possibilitaram dar visibilidade e constituíram teias de ligações entre esses consumidores e os produtores culturais, enquanto lugar específico e reconhecido dessa produção na região⁴.

⁴ Para Bourdieu, “A teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (Capital, investimentos, ganho), evitando assim todas as espécies de reducionismo, a começar pelo economicismo, que nada mais conhece além do interesse material e a busca da maximização do lucro monetário. Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir”. (2009, p.69).

O ICVC, em seus primeiros anos de funcionamento, procurou construir a sua autonomia no campo procurando se aproximar do ICC, mas também primando pelas singularidades que constituiu a sua identidade enquanto órgão civil criado em Juazeiro do Norte. Para isso, fundaram também em 1974 o *Boletim* a fim de divulgar a sua produção intelectual e afirmar essa entidade enquanto um lugar de relevância para a produção intelectual na região do Cariri cearense.

Nesse *Boletim* estruturaram as matérias de acordo com temas relevantes em relação a três áreas de estudos: história, letras e cultura popular. Na primeira buscavam construir a história do Cariri a partir de Juazeiro do Norte, para isso enfatizavam a história dessa cidade, buscando dar-lhe assim outra face em relação à imagem desse espaço urbano como lugar de fanatismo, especialmente divulgada pelos pesquisadores cratenses. Nas letras procuravam fazer ligações com os literatos de renome cearense, caririense e nacional. No campo da cultura popular, destacavam o artesanato juazeirense, as manifestações folclóricas e a religiosidade popular em torno da figura de Padre Cícero.

Faz-se jus lembrar que o Brasil ainda estava vivenciando, nessa época, o período da ditadura militar e esse órgão se cria depois do chamado “milagre brasileiro”, que influenciou o aumento demográfico e econômico de algumas cidades brasileiras. Podemos destacar, também, que Juazeiro, com uma menor intensidade, passou também por essas transformações e não estava preparada para formar essa massa de trabalhadores que cresciam rapidamente.

O ICVC vem reivindicar também a consolidação de um veículo de divulgação intelectual nessa cidade, que não possuía ainda uma tradição nesse sentido, pois segundo, professor e historiador, Daniel Walker, em Juazeiro do Norte existia um cemitério de jornais (BOLETIM, n. 4, 1977), ou seja, até aquele momento nenhum periódico fundado na cidade conseguira se firmar enquanto imprensa divulgadora da intelectualidade local. Estas seguintes questões,

também, nos parece pertinentes: Como estava estruturado seu estatuto? Como defenderam a especificidade da produção dos letrados de Juazeiro do Norte, formados em sua maioria na escola dos cordéis e xilogravuras da tipografia São Francisco, fundada na década de 1920 na cidade?

O Instituto Cultural do Vale Caririense e a luta para o crescimento intelectual da cidade

No dia 22 de setembro de 1974 se criou em reunião extraordinária na “sede da Delegacia Regional do Ensino” (BOLETIM, 1974, n.1, p.31), na cidade de Juazeiro do Norte o Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC). Esse órgão civil tinha como finalidade “o incremento, na região do Cariri cearense, das atividades culturais de modo geral” (Idem, p.36). Os seus idealizadores almejavam desde a sua fundação colaborar para a construção de uma dimensão intelectual da cidade do Padre Cícero que estava atrofiada em relação ao seu crescimento demográfico e econômico, como também analisar a história do Cariri através do “ângulo da Cultura (mentalidade)” (Ibidem).

Dessa forma, buscaram enfatizar a atividade do espírito. Segundo um dos seus fundadores, o senhor Joaryvar Macêdo⁵, essa cidade tem os vários ramos da atividade intelectualizada, contudo não tinha construído, até aquele momento, nenhuma agremiação ou entidade que pudesse congrega e divulgar os trabalhos produzidos por essa elite letrada. A produção desses intelectuais estava

⁵ Nasceu em Lavras da Mangabeira – CE em 1937 e morreu em 1991, Teólogo pelo seminário de Olinda/PB e Recife/PE, graduado em letras pela Faculdade de Filosofia do Crato (FFC), pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Católica de Salvador-BA, professor a partir de 1965 da FFC, fundou e dirigiu o Instituto Cultural do Vale Caririense durante dez anos, em 1983 é elevado ao cargo e Assessor especial do presidente do Conselho de Educação do Ceará, Secretário de Cultura do Ceará em 1983-1987, assumiu a cadeira n.º. 5 da Academia Lavrense de Letras, membro do Instituto Cultural do Cariri (ICC), da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Produziu diversas obras literárias e científicas entre elas se destaca “O Império do bacamarte” (1990).

dispersa, sendo assim uma das tarefas desse instituto reuni-los em um órgão organizado e com ações coletivas mais efetivas. Portanto, Macedo defendeu a construção desse campo intelectual em Juazeiro, com regras e modelos definidos. Para ele,

Sentindo, como sinto, a grave falha- a de não contar nossa urbe com uma instituição polarizadora de seus poucos beletistas, estudiosos, artistas e pesquisadores- de certa época a esta parte, ruminava ideias, forjava planos, e, finalmente, encorajei-me, saí do meu retraimento, e as pessoas que reputo de boa vontade, falei dessa carência, bem assim de meus projetos, concitando-as a uma reunião. A receptividade, em geral, foi boa (BOLETIM, n.1, 1974, p.29).

Conforme Macedo, que fora eleito presidente dessa instituição, não era uma regalia, nem ato de inveja dos juazeirenses em relação às outras cidades que já tinha seus institutos, como Crato. Mas era necessária a construção de tal entidade em Juazeiro, para isso, também se procurou se espelhar e buscou a ajuda também dos acadêmicos do Instituto Cultural do Cariri⁶.

Os fundadores do Instituto Cultural do Vale Caririense desenharam “uma associação sem cadeiras e sem patronos, sem imortais e sem fardões, mas um grupo de trabalho, com número limitado de sócios e, por isso mesmo, aberto a todos aqueles de boa vontade e á altura” (BOLETIM, 1974, n.1, p.30). Ao mesmo tempo em que nesse discurso Macedo comentava que o ICVC não assumiria o tipo acadêmico, e isso daria elasticidade e a possibilidade de uma abertura maior da instituição, de forma contraditória en-

⁶ Diferentemente do ICC que defendia uma organização de teor acadêmico, o ICVC, segundo as palavras de seu presidente, aboliu esse tipo clássico de construção de institutos. Essa particularidade o fez diferente enquanto produtores de uma história do Cariri e Juazeiro, pois o ICC não defendeu um campo de produção acadêmico, pautado pela escrita de bacharéis e diplomados. O ICC, também, nos primeiros 20 anos de sua fundação era composto prioritariamente de homens ligados ao jornalismo, rádio, Igreja Católica e a Faculdade de Filosofia do Crato, por exemplo, Padre Antonio Gomes e José de Figueiredo Filho.

fatizou que não era qualquer um que participaria do ICVC, seria, para ele uma pessoa de “boa vontade e à altura”. Quem, portanto, decidia essa “altura”? Quem estipulava, mapeava e escolhia os integrantes que possuem tal elevação intelectual, se não se pautaria mais a partir do título universitário? Foram, então, os fundadores da instituição, que com o seu poder de eleição, começaram a definir um campo, com características específicas que seriam observadas nos pretendentes ao ingresso na entidade, depois dessa eleição internar da cúpula dos fundadores o candidato receberia o convite para participar desse órgão civil e as normas referentes aos deveres do associado. Justificavam tal atitude dizendo que a manutenção e fortalecimento, dessa entidade, não eram apenas para o ego dos intelectuais da cidade, mas sua efetivação serviria como abertura de portas e a preparação de uma geração de intelectuais para o futuro dessa cidade, como também um cabedal de letrados para a edificação de outras entidades, que iriam, igualmente, privilegiar as letras, a cultura popular e a história.

Na ata de fundação do dia 22 de setembro de 1974 ficaram esquematizados os seguintes pontos sobre a fundação desse órgão civil: 1- entidade de cultura; 2- Caráter regional; 3- construção de uma equipe que ficaria na coordenação durante três anos, obrigatoriamente formada pelos sócios efetivos. Nesse grupo, verificamos a presença feminina, especialmente as normalistas que levavam e defendiam na cidade o aspecto da intelectualidade desde a fundação da Escola Normal Rural em 1934. Podemos perceber nitidamente esse destaque na própria idealização do órgão e no quadro de seus fundadores. Eles foram: “Joaquim Lôbo de Macêdo (Jaryvar Macedo), *Maria Alacoque Bezerra de Figueiredo*, Álbis Irapuan Pimentel, *Maria Bezerra de Menezes*, *Joaquina Gonçalves de Santana (Quininha)*, José dos Anjos Dias, *Maria Antêlvia Cândido*, Dr. Cícero Mozart Machado, Francisco Renato Sousa Dantas, *Maria Zélia Pinheiro de Melo*, Nair Silva e *Lindalva Rodrigues de Alencar Suliano*” (BOLETIM, 1974, n.1, p.31, grifos nossos).

Entre as várias iniciativas realizadas pelo ICVC a fim de dar-lhe visibilidade e solidificar o seu campo, foram definidas as seguintes metas: “intercâmbio com entidades congêneres” (BOLETIM, 1981, n.8, p.37), por exemplo, o Instituto Cultural do Cariri (ICC); a criação de uma revista, biblioteca e “o culto á Historia do Brasil, do Ceará, e, especialmente do Cariri” (Idem, 1974, n.1, p.37). A organização desse órgão em relação à categoria dos sócios estava assim esquematizada: Primeiramente, mencionavam os “Fundadores” como sendo os “primeiros” efetivos e responsáveis de uma forma direta pela manutenção do órgão, tendo a tarefa de presidirem e levarem a instituição, pois foram eles “que idealizaram e planejaram a entidade e assinaram a ata de sua formação” (Ibidem); Os “Efetivos” obrigatoriamente deveriam morar na cidade de Juazeiro do Norte e participar efetivamente da instituição, tendo o direito de serem votados e votarem; Os “Honorários” eram aqueles que possuíam um mérito pessoal e “notáveis serviços prestados a pátria” (BOLETIM, 1974, n.1, p.37); Os “Beneméritos”, ajudavam de uma forma substancial na manutenção e permanência da entidade; E por fim, os “Correspondentes”, eram os que participavam e contribuíam com o órgão e a concretização das finalidades homologadas em sua fundação, apesar de não residirem na “cidade do Padre Cícero” (Idem).

Tendo em vista que a criação desse órgão se deu em um período de intensas transformações na cidade devido ao seu aumento populacional, que no ano de 1970 tinha 96.047 habitantes e passou em 1980 para 135.620⁷. A partir desse cenário, o ICVC buscou lançar outras visadas para a cidade, outras maneiras de ver e sentir o seu espaço, outra via sem ser investir na indústria e comércio, apesar de que apoiavam aqueles que o faziam, pois “a marcha do desenvolvimento econômico não pode parar” (BOLETIM, 1975, n.2, p.44).

⁷ Dados fornecidos pelo IBGE.

Para isso, os juazeirenses congregaram-se em uma entidade que não tentaria impor “cadeiras” e nem “patronos”, não construiria “imortais” e nem “fardões”, mas visava primeiramente organizar um grupo “aberto a todos aqueles de boa vontade e à altura” (1974, n.1, p. 30), e assim o ICVC se tornou singular. Não é que a organização dos outros institutos não fosse eficaz, mas o instituto de Juazeiro buscou abolir “a ideia da entidade do tipo acadêmico” (Idem). Sendo dessa forma construída a diferença entre ele e os demais órgãos civis existentes na região do Cariri, por exemplo, o Instituto Cultural do Cariri. Colocavam-se como sendo os primeiros, aqueles responsáveis por plantar a semente em sua cidade e no Cariri de um grupo organizado que valorizasse a intelectualidade regional. Dessa forma, entendiam que as “entidades específicas, como academia de Letras, Instituto Histórico, Sociedade de Folclore, Clube de Poesia, Instituto Genealógico etc, podem e devem, de futuro, funcionar aqui. Recordar-se, todavia: para tanto é imprescindível um lastro”(Ibidem, p.30).

Esse órgão civil procurou também meios jurídicos para se legitimar enquanto entidade importante no campo de produção da história, cultura e letras no Cariri cearense. Buscar a proteção e legitimação exterior fora uma das formas buscada pelo ICVC de definir seu campo intelectual e dar-lhe credibilidade perante as outras instituições culturais. Segundo Soares, o ICVC

É uma sociedade civil, de personalidade jurídica, reconhecida de utilidade pública pela Lei Municipal número 517, de 12 de abril de 1975 e pela Lei estadual número 9.919, de 3 de julho de 1975, faltando que reconheçam pela Lei Federal sem fins lucrativos, estritamente cultural, recebendo do Congresso Nacional o apoio dos membros para tal finalidade (BOLETIM, 1985, n.11, p.107).

A construção de redes de solidariedade entre o ICC e o ICVC fora importante para a constituição de uma sociabilidade particular entre essas entidades. A forma de convivência dos intelectuais

congregados no ICVC tinha como principal característica a elevação dos sócios à categoria de efetivos ter moradia fixa em Juazeiro. Eles não colocaram como norma o caráter da naturalidade como elemento definidor da entrada na entidade, pois a cidade de Juazeiro do Norte se constitui em sua maioria de não naturais. Ou seja, devido à taxa de migração que ocorre na cidade, seria inviável restringir o convite de participação do ICVC aos que nascessem em Juazeiro. Os filhos adotados de Juazeiro tinham uma maior força em relação à intelectualidade e as forças econômicas da cidade. Um exemplo disso é o próprio presidente do ICVC, Joaryvar Macêdo, que não é natural de Juazeiro.

A construção imagético-discursiva do ICVC como desbravadores dessa área e lutadores dessa causa na cidade do Padre Cícero se fez presente em seus artigos de prestação de conta das ações da entidade e em suas atas de reunião. Na abertura das atas de 1980 publicadas no Boletim de 1981, esse discurso, assim, foi enfatizado:

Realmente, o Instituto Cultural do Vale Caririense tem sua história. Inclusive, veio ele quebrar um velho tabu existente em Juazeiro do Norte: o de que, nesta cidade, nenhuma sociedade cultural conseguiria vingar.

O Instituto Cultural do Vale Caririense, entretanto, não apenas veio, mas também vingou e mendrou, e sob este aspecto, firmou-se, na ordem do tempo, como primeira e até hoje única sociedade de cultura, nesta cidade (BOLETIM, 1981, n.8, p.126).

Os sócios desse instituto, em suas matérias e ações com o poder público da cidade, destacavam também a imagem de Juazeiro do Norte como “progressista”, contudo criticavam as formas de financiamento que só primavam para a consolidação do comércio e da indústria. O ICVC, portanto, defendia ações em prol da educação, da qualificação profissional, do “desenvolvimento e aperfeiçoamento do seu potencial humano”. Mencionava também em seus discursos a urgência de “projetar ainda mais Juazeiro do Norte”, ou seja, de

realizar projetos arquitetados racionalmente e que servissem para o futuro. Dessa maneira, alfinetavam os poderes locais que viviam fazendo paliativos e nenhum projeto, que efetivamente mudasse a paisagem urbana da cidade com melhoramentos duradouros.

Considerações finais

O Instituto Cultural do Vale Caririense foi criado em um tempo de rápidas mudanças na cidade, o crescimento demográfico e econômico marcava a agenda das discussões dos poderes públicos, essa dimensão da vida da cidade era enfatizada e ganhava visibilidade mais do que o campo da educação e das atividades dos intelectuais. A luta pela construção de uma geração que valorizasse as letras, que construísse a história do seu lugar fora o objetivo principal dos fundadores do ICVC.

A inspiração e ajuda dada pelo ICC aos fundadores do ICVC fora importante para auxiliar na formação de um campo. Se o ICC olhava para o Cariri através do Crato, colocando-o como modelo de modernidade e cultura elevada. Os membros do ICVC pesquisaram e deram maior espaço em seu *Boletim* e em suas ações para a cultura popular juazeirense, sua tradição de cordéis, a religiosidade popular e sua defesa contra a imagem de Juazeiro como cidade de fanáticos, construídas pelos cratenses.

Esses intelectuais, congregados nesse órgão civil, buscaram tanto juridicamente como também através da construção e explicitação de suas singularidades em relação ao ICC, legitimar-se enquanto campo intelectual e porta voz da história do Cariri, da cultura e das letras. Para isso, buscaram se agarrar com o *capital simbólico* que tinha em vista, destacaram, assim, a história de Juazeiro do Norte, buscando desconstruir todas as imagens negativas que foram inventadas desde fins do século XIX, por exemplo, Juazeiro como terra de fanáticos e se especializaram na história religiosa local, especialmente na figura de Padre Cícero Romão Batista.

O segundo ponto fora o destaque dado à cultura e a religiosidade popular, enfatizando o fazer dos artesãos e poetas das cidades, como também do Cariri. A natureza também se fazia presente nas páginas do Boletim do ICVC. Essa característica física da região fora estampada no próprio nome desse órgão civil, ou seja, o nome vale expressava a existência de uma riqueza natural, terras férteis e mananciais em abundância. Essa ideia de Vale se arrastara como elemento definidor para a intelectualidade caririenses desde o século XIX e fora constantemente reforçada pela elite letrada do Cariri ao longo do XX. Esse elemento de diferenciação com o restante do sertão do nordeste, para o ICVC e o ICC, tornava a sua terra um Oásis em meio ao deserto do chamado polígono da seca. Essa construção imagética que se refazia constantemente a partir dos interesses do grupo que a manejava legitimava seu campo e dava visibilidade a sua região.

O ICVC reafirmava a necessidade do ensino e da educação, procurando com isso apoiar qualquer iniciativa nesse sentido. Os seus membros se tornaram os historiadores da cidade e os guardiães de sua memória, ou seja, eles conseguiram construir seu campo dentro e fora do grupo, sendo reconhecido o seu trabalho como produtores da história do Juazeiro do Norte.

Portanto, esse órgão procurou efetivar um trabalho intelectual que procurava lutar a favor de práticas educacionais, seus discursos estavam repletos de expectativas, anseios de alimentar, de mudar a realidade sociocultural da cidade que há muito tempo estavam sendo renegada. Quiseram, outrossim, dar visibilidade a sua cidade lutando para o favorecimento da cultura e o apoio àqueles que já praticavam.

Referência bibliográfica

BOURDIEU, Pierre. *Economia das tropas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia dos Letras, 2005.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre de Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOMES, Assis Daniel. Os discursos sobre o urbano juazeirense feitos pelo ICVC (1974-1985). In: Vasconcelos, José Gerardo et AL (Orgs). *Anais do XI Encontro cearense de História da Educação e Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação*. Fortaleza: IMPRECE, 2012, p.230-245.

REMOND, René (Org). *Por uma história política*. Rio Janeiro: FGV, 2003.

SIRINELLI, Jean-François (Org). *Para uma história Cultural*. Lisboa: ESTAMPA, 1998.